

A exaustão da normalidade

Eryk Rocha

Pedem-me para escrever uma breve reflexão crítica sobre o estado atual do cinema no Brasil. Diante de inúmeras questões que esse tema desperta, vão aqui alguns pontos que considero vitais para se iniciar um debate produtivo em relação à produção brasileira dos últimos anos. Chamei de “cinema novinho” uma das tendências dominantes que provoca uma certa esquizofrenia no cinema brasileiro atual, pois aborda alguns dos temas fundamentais da nossa cultura, porém sempre de modo pasteurizado, tímido e inconseqüente. O que vem escrito neste texto não é uma novidade; apenas expressa a necessidade urgente de recolocar questões que, embora pareçam antigas, são de extrema vigência e ainda não resolvidas. De todo modo, é bom lembrar que esse debate só dará frutos se estiver vinculado a um amplo projeto político-cultural para o campo do audiovisual, isso implica repensar o papel do Estado como interventor e responsável pelo destino cultural do país. Com o governo de Lula talvez estejamos diante da possibilidade de uma transformação mais além dos interesses financeiros.

Certo dia disse o poeta Torquato Neto: “nesse país surrealista, tudo, de repente, fica normal e ninguém sente falta do que perdeu”. Não adianta disfarçar o incômodo, num golpe de mestre o cinema brasileiro se converteu num desfile de aparências. Há filmes que falam muito pouco e no entanto se fala muito deles. Vem se proliferando um cinema satisfeito, sem angústias formais, sem medo, sem sabor. Para reconciliar-se com o grande público e com o mercado, na retomada da produção nacional a partir de meados dos anos 1990, os cineastas parecem ter renunciado aos seus ímpetos criativos e à sua função contestatária. A estética dos números e os lances de *marketing* devoraram o debate sobre o papel do cinema dentro da cultura.

O cinema novinho é aquele que transforma tudo – paisagens, pessoas e temas – em produto. A tendência dominante tem como paradigma o modelo de produção e de linguagem do cinema comercial somado à estética publicitária e aos recursos dramáticos da telenovela. Ao conquistar um número significativo de espectadores, o cinema se acredita comunicativo, no entanto não existem brechas para um diálogo franco entre os filmes e seu público. O Cinema Novo, que foi um projeto de presente e também de futuro, promovia a formação de um novo olhar, de um novo espectador, que não se faria da noite para o dia, essa talvez seja sua maior vigência e urgência enquanto proposta vinculada a um projeto de renovação cultural do país. O cinema brasileiro atual renunciou à tarefa de formar um público crítico e exigente, refletindo o fenômeno internacional da banalização da linguagem cinematográfica e o seu conseqüente empobrecimento no nível da linguagem. A devoração do cinema pela TV tem marcado fortemente as cinematografias do mundo todo, que passaram a produzir os chamados “tele-filmes”. Não que a televisão seja condenável em todos os seus aspectos, há intercâmbios possíveis entre a linguagem televisiva e a cinematográfica extremamente ricos e ainda não explorados. No entanto, o cinema tem reproduzido em telas grandes o que há de mais banal na televisão. A partir do momento em que países como o Brasil chegaram a um patamar técnico capazes de serem aceitos e competir com as cinematografias dos países desenvolvidos, a questão da busca por novas estéticas foi deixada em segundo plano. A relação dos países subdesenvolvidos com a tecnologia é assunto complexo que toca em questões caras ao nosso cinema; enquanto nos anos 1960 e 1970 as deficiências técnicas eram assumidas e integradas num projeto de busca de linguagem autêntica, hoje, a corrida pelo avanço técnico na indústria cinematográfica – que certamente trouxe qualidade e mão-de-obra qualificada para o país – arquivou a questão da técnica enquanto uma questão fundamentalmente estética e ética. O que venho aqui chamando de cinema novinho, ao contrário do que o nome possa sugerir, não é um cinema arejado e vigoroso, mas um cinema bem-comportado, que se movimenta com grande esforço entre padrões convencionais preestabelecidos ou já infelizmente introjetados. Além disso, e o que é pior, trata-se de um cinema sem memória, ou seja, sem história, fechado em si mesmo. O cinema novinho ignora ou finge desconhecer seu passado pobre e latino-americano. Com isso, o debate fica interrompido e o presente se limita ao desejo de consumo imediato e de fulgurantes alardes midiáticos. O cinema novinho se apropriou de temas cruciais para a cultura brasileira, fundamentais na construção da identidade nacional e cultural do país – cuja presença no Cinema Novo foi indiscutivelmente reveladora e marcante – utilizando uma linguagem publicitária que impede qualquer tipo de aprofundamento e complexificação dos temas investidos. Hoje, com uma parcial democratização dos meios digitais, torna-se fundamental discutir as relações entre técnica e estética. O fenômeno da superexpansão dos meios digitais, em um país subdesenvolvido como o Brasil, resolveu

parcialmente os problemas de produção; por seu baixo custo econômico em relação ao filme tradicional, o aparato digital se apresenta como uma possibilidade concreta e direta de criação, desmistificando de certa maneira o ato cinematográfico. Esse novo componente técnico trouxe e trará novas possibilidades estéticas, que só serão realmente aproveitadas se houver coerência na integração entre os dispositivos técnicos e um projeto de linguagem.

Prevalece hoje uma idéia vaga e distorcida de engajamento artístico, totalmente desprovida de inquietação no plano da linguagem. Desautomatizar o gesto de filmar, desautomatizar os esquemas de produção que são também esquemas de pensamento. É preciso que o artista assuma a possibilidade do erro para produzir um trabalho de busca, fruto de pesquisa, dúvidas e inquietudes que produzam um conhecimento não dogmático. Seria uma pena se a nova geração perdesse a oportunidade histórica de mostrar a cara, cheia de defeitos, contradições e dúvidas, é preciso tirar proveito do caos de influências e saber dialogar tanto com nossa rica herança cultural-estética do cinema autoral dos anos 1960-1970, como com as experiências contemporâneas que os meios digitais proporcionam. Daí pode surgir uma linguagem potente, aberta, multifacetada, imperfeita, dissonante. Numa época de contrastes, as formas regulares não correspondem à realidade. O cinema documental brasileiro, apesar de ainda viver a falsa contradição entre o didático e o poético, talvez seja hoje o que há de mais interessante, pois, com certa diversidade, se apresenta como um modo de resistência ao cinema maquiado, aproximando seus procedimentos de linguagem à própria vida. Por essa via vislubramos um amplo campo de experimentação de um cinema independente (de baixo orçamento), inovador, que caminhe no compasso histórico do país, que aceite o desafio de documentar o imaginário, o sonho, o transe de um povo mestiço e em ebulição, agora. O cinema precisa reconectar-se à vida em todos os seus aspectos – político, social, afetivo, sensual, grotesco, delirante. Espaço ingovernável, novo fluxo poético ligado à história. Romper a normalidade dos sentidos. Descobrir com entusiasmo as formas que revelam os signos do caos contemporâneo. Transformar o mínimo em possibilidade. Há caminhos não percorridos. Que o cinema seja um convite aliciante à reflexão, à crítica e ao sonho...

Eryk Rocha é cineasta.

Resumo

Este ensaio traz uma reflexão crítica sobre o estado atual do cinema no Brasil. “Cinema novinho” foi a expressão encontrada pelo autor para definir a produção cinematográfica brasileira dos últimos anos.

Palavras-chave

Cinema brasileiro; “Cinema Novinho”; Cinema Novo; produção brasileira atual.

Abstract

This essay offers a critical reflection about the present stage of brazilian cinema. "*Cinema Novinho*" was the expression used by the author to define the brazilian cinematographical production in the last years.

Key-words

Brazilian cinema; “*Cinema novinho*”; *Cinema Novo*; present brazilian production.